



VIAGEM AO CENTRO E NORDESTE DO BRASIL



IGNACIO DALCIM

Ignacio Dalcim

**VIAGEM AO CENTRO E NORDESTE DO
BRASIL**



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2013

Ignacio Dalcim

**VIAGEM AO CENTRO E NORDESTE DO
BRASIL**

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2013

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetoassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 07/03/2013

D138v Dalcim, Ignacio

Viagem ao centro e nordeste do Brasil [recurso eletrônico] / Ignacio Dalcim. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2013.

E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-64997-92-9

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Diários – Descrições e viagens. 2. Brasil, Nordeste. 3. Brasil, Centro. I. Título.
CDU: 910.4(81)

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

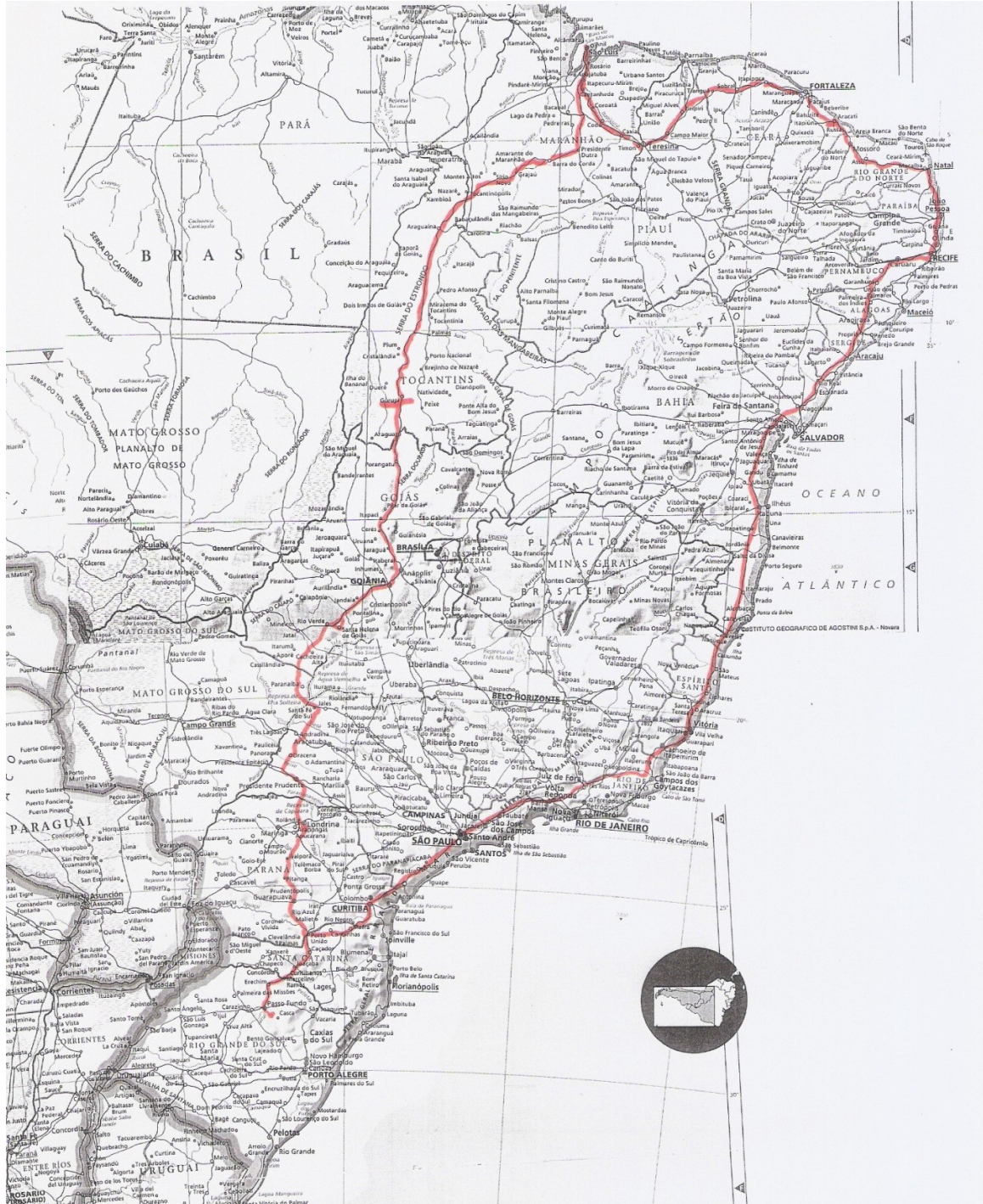


Figura 1 - Roteiro da viagem

VIAJANDO PELO CENTRO E NORDESTE DO BRASIL

Dizem que quem lê viaja. É verdade: quem lê
embarca na fantasia, viaja na imaginação.
E quem viaja? Quem viaja escreve...

Meus pais venderam a propriedade em que vivíamos próximos a Tapejara e decidiram morar no “matão”. Assim era conhecido o lugar onde ficava nossa casinha de madeira coberta de tabuinhas de cerne de araucária. Os macacos que com certa frequência rondavam pelas árvores próximas do pátio; os gatos-do-mato e graxains que roubavam as galinhas da mamãe, que nos mandava tocar os cachorros logo que surgia o alarme; os tamanduás, mão-pelada, leão-baio, porcos do mato e, sobretudo o cantarolar de tantos pássaros, como nambus, ururos, coaietas, pombas, saracuras, sem contar os bandos de periquitos e gralhas, e as revoadas dos papagaios peito-roxo “falador” de que papai queria tanto pegar um deles para nos divertir, faziam jus ao nome do lugar: “Matão dos Teles”.

Por falta de recursos, meu pai decidiu fazer a mudança em duas etapas. Na primeira seguiriam os animais a pé para diminuir os custos. Numa segunda etapa, embarcados num velho caminhão, seriam transportados os bens móveis junto com toda a família menos eu, que decidi acompanhar papai em cima de uma carreta de bois.

Nossa viagem foi sensacional: na frente seguia o seu Armando Dameto, montado num cavalo baio, fazendo às vezes de “madrinha”, enquanto tangia as vacas e terneiros. Depois, meu pai conduzindo a carreta de bois sobre a qual viajava em nossa companhia um terneirinho, cuja mãe nos seguia presa por uma corda amarrada no breque. Eu tinha sete anos e me lembro perfeitamente de todo o percurso daquela viagem deliciosa de dois dias. Quarenta quilômetros no primeiro e mais trinta e cinco no segundo. Nossa pousada aconteceu nos galpões de uma fazenda do Campo do Meio, próximo à Muliterno onde, no alvorecer do dia seguinte, tomei “camargo”¹ pela primeira vez. O tempo colaborou. Foram dois dias de temperatura amena, apesar de estarmos em meados do mês de maio.

Provavelmente estes 75 km em carreta de boi, contribuíram para despertar em mim a disposição incontida de viajar pelo mundo para conhecer e apreciar a diversidade de

¹ Leite do teto da vaca para dentro de um caneco com café adoçado e superaquecido. Tradição que teve origem na família Camargo dos campos de Vacaria, RS.

nosso belo planeta. Sempre ao retornar de minhas andanças - pelo litoral brasileiro, pelo Brasil Central e pela Amazônia, pela Califórnia, pela Europa em “europass”, pela América Latina em diversas oportunidades, ora na carona oferecida por caminhoneiros, outras vezes como convidado por amigos que dispunham de automóvel, de ônibus, de trem ou de avião, - foi maravilhoso recontar aos amigos as peripécias das viagens, mesmo quando retornava com alguns quilinhos a menos. Guardo tudo na memória, porém, com o objetivo de melhor partilhar com os amantes da aventura da estrada, nos últimos tempos resolvi registrar por escrito cada viagem. A primeira foi a de 2007, quando atravessamos a Patagônia e seguimos até Ushuaia, retornando ora pelo Chile, ora pela Argentina, num percurso de 13 mil km. Depois relatei nossa viagem pelo norte da Argentina e pelo deserto do Atacama. Em 2009 foi a vez de conhecer o oeste brasileiro até a fronteira com a Bolívia e o Peru, no Acre.

Em 2008 deixei de relatar uma viagem por Misiones, Asunción e Chaco argentino. Por isso, desta vez decidi digitar logo as principais impressões desta última viagem, antes que bata a preguiça. Você que tem em mãos estas páginas, siaba de que *“muitas coisas se escondem no meio das letras. Lendo, Você pode viajar sem se levantar da cadeira”*.

Dia 8 e 9: quinta e sexta-feira:

Nossa intenção era fugir do frio, mas quando partimos fazia calor. Levantamos as 5 e as 7 h já estávamos sobre a ponte do Uruguai. Quando Lena e Raquel acordaram, na divisa com o Paraná, eram 8 h. Um pouco mais adiante, no posto Horizonte, tomamos café. Nossa meta era conhecer Londrina, local de nossa primeira pousada.



Figura 2 - Ao acordar – Posto Horizonte – Paraná



Figura 3 - Estilo “russo” na beira da estrada

Ainda na BR 153 compramos dois kg de erva-mate Giotti para o chimarrão da Lena e pinhões para o meu irmão Ari. Depois de General Carneiro seguimos pela esquerda passando por Bituruna, barragem de Foz da Areia, Pinhão, Guarapuava... Era um caminho desconhecido para o Trio. A região, na sua maior parte coberta por extensos pinhais, é cortada por uma estrada de muitas curvas nas freqüentes subidas e descidas. As araucárias, espalhadas por toda parte, enfeitam a paisagem de um verde escuro característico.

Conforme havíamos planejado o nosso almoço - pães cabritinho, galinha assada, salada, suco e maçãs - aconteceu ao lado da rodovia, em meio aos pinos, já próximos de Pitanga. Esses pique-niques de beira de estrada, muito apreciados por nós desde os tempos

em que a Raquel era bebê, sempre fazem parte dos primeiros dias de nossas viagens.



Figura 4 - Nestas terras também se produz vinho



Figura 5 - Neblina cobrindo a represa no rio Iguazu

Já próximos de Guarapuava a paisagem mudou para trigais e dali por diante até algumas plantações de milho da safrinha, aveia e cana-de-açúcar foram surgindo. Essa paisagem de um verde intenso, ainda não se vê no Rio Grande bombardeado pelas geadas de nosso inverno.



Figura 6 - Catedral de Londrina



Figura 7 - Oeste de São Paulo

Ao chegarmos a Londrina, às 16,30 h, tratamos logo de conseguir um local para passar a noite, o que aconteceu no HPark SDumont, próximo ao aeroporto. Desembarcamos nossas malas e, em seguida, nos dirigimos ao centro da cidade. Visitamos a bela Catedral dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, onde fizemos uma prece pedindo a proteção divina para mais esta aventura que estávamos iniciando. Ainda antes de dormir, telefonei para o Jocelito, comunicando que chegaríamos a Rio Verde pela tardinha do dia seguinte. Até agora foram: 802 km, 135 reais de H e 150 do restante.

Dias 9 e 10, sábado e domingo:

Quando levantamos às 6 h, fazia 12°C. Tomamos café e partimos. A Raquel, com o mapa turístico recebido no hotel, ia me orientando para que pudéssemos logo retomar a BR 369/auto-estrada até Rolândia. Depois, pela PR 160, passamos por Florestópolis, que

ostenta num grande arco sobre sua entrada a honra de ser o “Berço da Pastoral da Criança”, de iniciativa da benemérita Dra. Zilda Arns, falecida neste ano, vítima do terremoto que assolou o Haiti.

Por volta das 8 h já estávamos cruzando por Presidente Prudente, depois do que a estrada piorou: curvas, estreitamentos, passagem pelo centro de lugarejos e a paisagem também: grama ressequida e poeira devido à estiagem dos últimos meses. Parecia até que tínhamos entrado por uma região do nordeste brasileiro e, no entanto, estávamos num canto do rico e fértil estado de São Paulo. Muito estranho e inesperado. De qualquer forma nos sentíamos desbravadores de um caminho novo passando por Santo Expedito, Flora Rica, Pacaembu, prosseguindo pela SP 294 até a SP 563 passando por Monte Castelo, alguns km pela SP 300 e depois pela SP 595 até Ilha Solteira.

Cruzando sobre o dique da Represa de Ilha Solteira do rio Paraná, viajamos cerca de 180 km pelo interior do Mato Grosso do Sul, passando por Aparecida do Taboado, que fez a Lena cantarolar “*Viajando prá Mato Grosso, Aparecida do Taboado Lá conheci uma morena que me deixou apaixonado...*” parte da canção intitulada “60 dias apaixonado”.

Um pouco além, por detrás de um grande posto de combustíveis e de um restaurante interditado, sob um calor de 34 °C, aconteceu nosso segundo “pique-nique”. Mais adiante cruzamos por Paranaíba e Itajá no estado de Goiás. Um pouco além, já próximos de Itarumã, os boinas verdes nos interceptaram para conferir nossa documentação. Quando já estávamos para partir, Da. Lena que estava deitada nos três bancos detrás se levantou e o guarda percebendo que estava sem cinto, acabou registrando a ocorrência. Ao chegar em casa, 18 dias depois, o carteiro já tinha nos procurado por duas vezes. Felizmente, pelos restantes 9 mil km nunca mais nos molestaram.

Quando chegamos a Rio Verde, por volta das 17 h, encostamos numa bomba do posto em frente a imagem do Cristo Redentor. Um frentista ao ver a placa de nosso carro exclamou admirado: “Pensei que vocês fossem da minha Maraú da Bahia, não imaginei que existisse uma Maraú no RS”. Pouco tempo depois, o Jocelito, com quem tinha entrado em contato pelo telefone quando ainda estava no banco Itaú, apareceu na garupa de uma moto. Dai seguimos juntos até o supermercado onde a Fabiana nos aguardava. Depois de um lanche, partimos para Santa Helena, onde eles moram. Já era noite e a estrada de sinalização apagada nos obrigava a uma atenção redobrada. Chegando a Santa Helena, visitamos por primeiro os pais da Fabiana e depois nos convidaram para jantar juntos num restaurante aprazível e de bom preço também (64,00). O pernoite foi no Hotel Kairós, no mesmo quarto em que os primos passaram a “lua de mel”.

Depois de carregar nossas malas no carro, seguindo as orientações repassadas na noite anterior pelo Jocelito, partimos por uma avenida na direção norte. Não foi fácil retomar o caminho que nos conduziria à BR 060. Estava escuro e a estrada poeirenta, com desvios para reformas e sem sinalização adequada, deixava a todos perdidos. A certa altura parei o carro para pedir informações. Outro carro parou também. Um casal de Goiânia, que também estava incerto sobre que direção tomar, decidiu seguir em frente. As nuvens

escondiam até a lua e eu estava totalmente desnorteado. Então decidi acompanhá-los para ver no que daria. Felizmente, por volta das 6 h já estávamos na BR e um pouco além, já próximos de Acreúna, fazia 10°C, temperatura que continuou estável até para além de Indiara. Observando depois no mapa percebi que este trecho é um divisor de águas, portanto de altitude razoável. À medida que nos aproximávamos de Goiânia, o clima foi mudando e ao pararmos para o café da manhã, por volta das 8 h, já na BR 153, fazia 18°C. Desde a última vez que passamos por aqui, há cinco anos atrás, aconteceram muitas reformas, alguns trechos da rodovia foram duplicados e outros estão sendo construídos.

Assim, nossa viagem prosseguiu num clima agradável pelo asfalto em boa forma. Ao cruzarmos por Jaraguá lembramos do hotel Shalom no qual nos hospedamos depois de um dia cheio e cansativo em Brasília, com a Raquel que se divertiu correndo pela grama próxima aos palácios do governo federal e pelo interior da catedral de estilo original, mais linda ainda depois de receber uma segunda camada de vidros coloridos, contribuição do nosso contrerrâneo Emílio Zanon de Guaporé.

Após uma viagem tranqüila, com uma paisagem mais verde daquela de 2005, chegamos a Gurupi por volta das 17 horas. Querendo surpreender² meu irmão Ari e a Marilene sua esposa, tentamos chegar até a casa deles por conta própria. Depois de diversas tentativas frustrantes, tivemos que telefonar e pedir que viessem nos encontrar na Padaria Canaã. Não demorou muito para que logo aparecesse o Ari no seu pólo vermelho, rindo de nosso extravio. Após cumprimentos e abraços de quem a tempo não se via, seguimos contentes ao encontro da Marilene e do Felipe, filhinho do Juliano e da Carol, que moram no Peixe.



Figura 8 - Gurupi - na casa do mano



Figura 9 - Ari e Marilene com Felipe

Depois de colocarmos os últimos fatos em dia e trocarmos informações sobre nossos familiares e amigos, visualizamos parte daquela viagem que fizemos à Patagônia, Ushuaia, Glaciais, Torre Del Paine e Carretera Austral no Chile ainda em 2007.

No dia seguinte tivemos um domingo cheio de peripécias. Visitamos o Peixe, estivemos almoçando na Ilha da Tartaruga³ do rio Tocantins e, depois, fomos ao encontro do Juliano e Carol, acampados na beira do rio Santa Teresa. Retornando a Gurupi, depois do banho, antes da Missa das 20 h na Igreja Santo Antônio, passamos rapidamente pela

² Gurupi tem uma população de 60 mil habitantes, segundo o IBGE.

casa do Alemão. Foi o suficiente para fazer uma interessante reportagem com esse amigo “gauchinho” da família Antunes, que tem o privilégio de entrar n’água sem se afundar. Agora para os que duvidarem, posso mostrar o depoimento do próprio. O “Alemão” é de fato um privilegiado: além de não poder viagem tranquilamente pela correnteza do rio Tocantins ou do rio Santo Antônio, como nos tem contado, não sabe o que é doença, nunca teve sequer uma dor de cabeça.



Às praias da Ilha da Tartaruga



no Rio Tocantins – no Peixe

³ Assim chamada porque todos os anos, a partir da temporada das chuvas, chegam as tartarugas para a desova. Então, dois meses antes, toda a área passa a ser desocupada. Nos meses de julho e agosto é a temporada de praia, pois a maior parte da ilha é de areia branca. Então, dezenas de barracões são instalados como restaurantes e outros serviços. Num grande palco, música ao vivo... e o povaréu se movimentando de um lado para o outro, continuamente gente chegando de barco e outros partindo, uma praia de rio nunca vista.





Dia 11, segunda-feira:

Após um suco de cajú e o café com pãezinhos de queijo, nos despedimos do Ari e da Marilene e partimos em direção a BR 153, passando pelo Frigorífico, como tinham os orientado na noite anterior, quando tínhamos visitado um Posto Décio. Este posto pertence a uma rede de postos de serviço modelo. Cada posto é uma espécie de “shopping dos motoristas”, com amplo estacionamento, restaurante, hotel, lojas e banheiros de primeira qualidade.

Por volta das 8 h estávamos em Paraíso do Tocantins onde reabastecemos num posto BR e realizamos pequenas compras no supermercado à direita da estrada. Tempo bom, céu límpido com a temperatura aumentando conforme prosseguíamos na direção norte, por caminhos onde nunca tínhamos viajado juntos antes. Eu já tinha viajado de ônibus por aqui com o Roger em 1983, quando abortou nossa viagem para o Chile devido às fortes nevascas na Cordilheira. Nossos planos eram ambiciosos: depois da carona num dos caminhões da Schio, seguiríamos para Lima, Machu-Pichu, de Cusco a Letícia/Tabatinga de avião, dali até Manaus de barco, talvez até Belém. A neve nos jogou para o centro e nordeste do Brasil. Foi então que conheci Belém do Pará, quando visitamos o Ir. Nestor Deitos em Abaetetuba, e o litoral nordeste brasileiro. Naquele nosso roteiro de viagem São Luis ficara de fora, por isso, este era o nosso próximo destino.

Nosso almoço foi em Colinas do Tocantins, no restaurante que o Ari nos havia sugerido, por sinal aos cuidados de gaúchos originários de Erechim. O carro também precisava ser reabastecido e, por azar, no posto ao lado a gasolina tinha acabado. Retrocedemos uns três kms e perambulamos cidade adentro, até encontrarmos a 2,79 o

combustível tão necessário. Aliás, o preço médio das vezes que temos abastecido tem sido em torno dos 2,60/l. O menor em São Paulo e Goiânia e o mais alto na Bahia.

A marginal da passagem por Araguaína⁴, a segunda maior cidade do estado do Tocantins, está sendo duplicada. Araguaína, assim como Gurupi e outras, é uma cidade que teve grande desenvolvimento a partir da construção da Belém-Brasília, comandada pelo engº Bernardo Sayão. Município em 1959, conta hoje com 120 mil habitantes, nela estão instalados 3 frigoríficos, com um abate diário de 900 cabeças de gado.

Adiante de Araguaína, curiosamente a BR 153 desaparece, cedendo lugar para a BR 226 até a divisa com o Maranhão. E a BR 153, que reinicia em Wanderlândia, prossegue pela esquerda, mais ou menos na direção de Marabá, acabando em meio à floresta. Foi então que avistamos uma placa anunciando que faltavam apenas 50 km para chegarmos a Estreito, primeira cidade do Maranhão, onde chegamos às 16 h e 30 m, depois de cruzarmos pela ponte em arco sobre o rio Tocantins. O clima quente e abafado contribuiu para aumentar a má impressão que tivemos deste primeiro pedaço do Estado da família Sarney. Infelizmente, a sujeira, a desordem e a pobreza é quase uma constante em todos os lugares por onde passamos.

Quando chegamos a Imperatriz⁵, o sol estava se escondendo no horizonte e, conforme planejado, procuramos por uma pousada ou hotel. O New Anápolis Hotel, à direita da BR, tinha abrigado o cantor Leonardo na noite anterior e continuava lotado. Noutra pousada mais adiante, também lotada, pedi para contactar com outras pousadas e hotéis, sem sucesso. Tudo lotado. Aconselhado pelos atendentes da portaria e mesmo que contrariando o princípio de sempre parar ao anoitecer e sob os reclamos das duas, prosseguimos até Açailândia, 70 km adiante, onde por volta das 19 h e 30 m nos hospedamos no Hotel Santa Maria, junto a um posto de combustível (R\$99,00). Sobraram assim, menos de 600 km para no dia seguinte chegarmos a São Luis.

Açailândia é mais uma cidade que teve grande crescimento a partir da construção da Belém-Brasília, município em 1981, conta hoje com 100 mil habitantes. A exportação de ferro guisa, produzido por 5 siderúrgicas no distrito industrial de Pequiá é sua principal

⁴ Araguaína era para ter sido capital do novo estado, porém, o primeiro governador preferiu construir uma nova capital, mais centralizada, na margem direita do rio Tocantins, Palmas das altas temperaturas.

⁵ Imperatriz, importante entroncamento comercial, energético e econômico do estado, é a 2ª cidade mais populosa do Maranhão, com 250 mil habitantes. A construção das usinas de Estreito e Serra Quebrada estão proporcionando a criação de muitos novos empregos para a região.

fonte econômica. O município conta também com importante frigorífico e possui um dos maiores rebanhos do estado. Daqui, prosseguindo na direção norte, pela BR 010 chegasse à Belém do Pará. Nós seguiremos pela direita, pela BR 222.

Dias 13 e 14, terça e quarta-feira: uma breve passagem pelo Maranhão.

O dia amanheceu com algumas nuvens, clima agradável e pista em bom estado. Pouco a pouco a estrada foi se tornando bastante sinuosa, com muitas subidas e descidas. De fato, como o Ari nos prevenira, a Serra de Açailândia começava a exigir muita atenção. Por enquanto, dos 3.500 km já percorridos, não tido motivos para nos queixar da estrada. Nenhum trecho que nos fizesse perder a paciência.

Nossa primeira parada aconteceu em Bom Jesus das Selvas, 30 km para além do rio Pindaré. Até agora o que mais se vê é pastagens, plantações de eucalipto, alguma roça de milho e aipim. E o terreno, ao contrário do que eu imaginava, é bastante dobrado, Os lugarejos de beira da estrada são bastante pobres, formados por casinhas de tijolos à vista e cobertura de amianto. Lena está impressionada com a sujeira, poucas árvores e nenhuma grama em volta delas. Muitas crianças e adultos perambulando à toa. No posto em que abastecemos nos informaram de que dali por diante a estrada estava em reforma e de que era preciso redobrar o cuidado. De fato, primeiro apareceram os buracos, nos sobes e desces dava para avistar ao longe manchas ora avermelhadas, outras mais claras, dependendo da coloração da terra. Dá para se imaginar o tamanho de tais buracos. Felizmente o tráfico é pouco e pode-se desviar a maioria deles, apenas diminuindo a velocidade. Mais adiante começaram a aparecer os *trabalhadores das estradas do Maranhão*: grupos de 10 a 20 pessoas vestidas de macacões laranja, alguns cavando com suas picaretas pedaços do asfalto em volta dos buracos, enquanto outros varriam ou iam depositando massa asfáltica com pás e enxadas. Ficamos impressionados com tamanha precariedade e ao mesmo tempo imaginamos ser essa uma maneira de proporcionar trabalho para aquela pobre gente. Poucas máquinas, rolos e caminhões para aplainar a pista. Um concerto precário, sem dúvida, mas que nós agradecíamos.



Carnaúbas

ao longo do caminho

Passamos por Buriticupu e Santa Luzia, região de carnaúbas, de pastagens e algumas plantações. Quando encontramos um lugar razoável para almoçar, já estávamos em Pindaré Mirim. Dali por diante o caminho se tornou mais cansativo devido à passagem por múltiplos vilarejos cheios de quebra-molas, por aqui chamados de ondulações. Numa dessas ondulações a Scènic bateu por baixo e, dali por diante, a cada retomada de velocidade, um ronco estranho nos acompanharia por toda a viagem. Imaginei que fosse apenas uma rachadura no silenciador, mas não, a quebra de um suporte do motor nos custaria 300 reais no final da viagem.

E a paciência chegou ao seu limite. As duas começaram a reclamar das ondulações, dos vilarejos, das carnes dependuradas por cima das pessoas e cachorros, e eu não via nenhuma placa que nos informar a quantos quilômetros estávamos de São Luis. Não se entende porque ainda não duplicaram os últimos 50 km da BR 135 antes da ilha: o tráfico é intenso, a pista cheia de remendos e ondulações, não há sinalização, um caos... Não se entende como o José Sarney, com tanta influência no governo federal dos últimos 15 anos, não tenha ainda resolvido este problema. É bem verdade que, dentro da ilha construíram muitas avenidas e um bom trecho de auto-estrada, mas por enquanto o acesso à ilha se assemelha a um afunilamento.

A Ilha é um país a parte, um rebuliço, um salve-se quem puder. A precária e quase inexistente sinalização esta mal postada, muito próxima dos cruzamentos, não dando tempo para manobras necessárias. Com certeza o pessoal daqui já está familiarizado com isso, mas quem chega fica perdendo tempo. Depois de cruzarmos por cima da ponte ondulada sobre o canal, que estava quase vazio, demoramos mais de uma hora para chegarmos ao centro histórico.



Imaginei que, após arranjarmos um hotel ao lado da praça que antecede o casario, as duas pudessem se animar e aceitarem minha proposta de permanecermos uns dois dias na velha São Luis.



Na velha São Luis do Maranhão



prédios em azulejos portugueses

Nem a água de coco gelado esfriou sua irritação desmedida. Lena preferia um hotel no centro da cidade moderna e mais limpa, com seus shoppings e tal. E assim, depois de uma pálida idéia da velha São Luís, com suas belas igrejas e muitas casas de paredes cobertas de azulejos portugueses, tombada pela UNESCO como patrimônio da humanidade, tivemos que deixá-la apressadamente.⁶

Estivemos próximos à Catedral, onde estava acontecendo um comício do Serra, que mais parecia um show de crentes, estivemos na igreja São João Batista, onde nos informaram de que ali está enterrado aquele que delatou o grupo de Tiradentes, retirei grana numa agência do BBrasil, fizemos algumas compras num supermercado e voltamos para o hotel.



Mais prédios antigos



da velha São Luís

⁶ Quem pouco lê pouco conhece história e não conseguindo ver nada de interessante para além do velho casario, prefere o centro atual com seus shoppings e lojas chiques.



Logo após o café, no qual um dos policiais rodoviários que se vangloriava de ser Cearense derrubou uma xícara com café fazendo aquela bagunça, partimos em busca da saída da ilha. E assim, menos de 15 h depois de nossa chegada à São Luís, já estávamos fugindo daquele rebuliço, cruzando por sobre o pontilhão quando o canal estava cheio e os barcos passando por baixo.

A rodovia até que foi melhorando, com grandes retas, quase sempre cercadas por carnaúbas, um inço gigante que atrapalha um melhor aproveitamento do solo. Em certos lugares elas são tantas que até dificultam a criação do gado. A Raquel, que na maior parte do tempo passa vendo filmes de Piratas no banco detrás, agora se impressionada com a quantia de carnaúbas e outras palmeiras de caule limpo das quais prefere, aproveita para fazer algumas fotos de uma paisagem singular ao longo de grandes retas e poucas ondulações. Em Alto Alegre do Maranhão, deixamos a BR 135 e enveredamos na direção de Caxias pela BR 316, passando por Peritoró. Estranhamente todos os pequenos riachos desta região descem no sentido contrário, ou seja, mesmo partindo das proximidades do grande rio Parnaíba que divide o Maranhão e o Piauí, uma serra impede que as águas sigam naquela direção.

Já nas proximidades de Caxias⁷, paramos para almoçar talvez naquele que foi o pior de todos os restaurantes da viagem. Havia muita gente almoçando e a Lena inventou de pedir um ovo frito para comer com o arroz. Vieram três ovos fritos na manteiga. Só eu, acostumado a passar por situações bem piores nas minhas andanças pela Bolívia e mundo a fora, comi a minha porção sem maiores problemas. As duas preferiram passar fome.

Quando nos aproximamos de Timon, a última cidade do precário Maranhão, onde até o combustível havia baixado de preço, parecia que o mundo do desleixo estava ficando para trás. Ao atravessarmos a ponte sobre o rio Parnaíba, já dava para perceber que estávamos num estado mais bem administrado. As ruas mais limpas, as casas mais bem cuidadas, gente mais prestativa em servir combustível e dar informações. A capital Teresina parece ser uma cidade bem estruturada. De longe, contemplamos os altos edifícios do centro e passamos ao largo, desejosos de chegar o quanto antes no litoral

⁷ Caxias, a “princesa do sertão”, tem 150 mil habitantes, é a cidade do poeta Gonçalves Dias e do escritor Coelho Neto.

nordestino. Depois de passarmos por Altos, Campo Maior, Cocal de Telha e Capitão de Campos resolvemos “acampar” em Piripiri⁸.

Piripiri vai ficar em nossa lembrança como uma das cidadezinhas mais simpáticas do interior nordestino. Ainda não eram 17 h, mas, como que atraídos por este nome curioso, que significa “capim-capim”, decidimos entrar pela esquerda. A poucos km da BR topamos com a entrada solene da cidade, com uma grande imagem de Na.Sra. dos Remédios nos dando as boas vindas. Ali nos hospedamos no Hotel California: limpinho, com ótimo café, garagem e internet, por apenas 50 reais. Após um bom banho caminhamos tranquilamente pelas ruas e calçadas limpinhas, visitamos a Igreja de Na. Sra. Dos Remédios e, num simpático restaurante ao lado, pedimos assado de dourado⁹. Jantamos ao ar livre, olhando os carros desfilarem sem pressa. O clima seco e fresco tornava irresistível um passeio pela ampla praça da matriz. Piripiri, foi bom parar aqui.

Dias 15, quinta: pelo sertão nordestino.

Depois de um bom repouso no Hotel California, pegamos a estrada na dúvida se era melhor prosseguir direto para Fortaleza ou subirmos em direção ao litoral. A Raquel bem que tentou convencer a mãe para irmos diretos até a famosa praia de Jericoacoara, mas Lena tinha pressa em chegar à capital cearense.

Com uma temperatura em torno dos 20°C e uma rodovia em bom estado, a BR 222, favorecia uma viagem aprazível pela “Chapada do Ibiapaba”¹⁰ E assim passamos por Alto Alegre e São João da Fronteira, onde uma longa subida nos conduz ao topo da serra. De repente despencamos pela Serra Grande ou Serra de Ibiapaba integrante do menor Parque Nacional do mesmo nome. A descida é forte e longa, com algumas curvas que nos fizeram lembrar a Serra do Rio do Rastro, SC. Depois, já estando na “planície” e olhando para trás, parecíamos avistar algo semelhante aos “Aparados da Serra”. Agora o clima mudou, está mais abafado e quente. O terreno cada vez mais pedregoso e seco.

⁸⁸⁸ Piripiri, terra natal do embaixador Expedito Resende, principal articulador do Tratado de Itaipu, com população de 60 mil habitantes, destaca-se por suas indústrias de confecções. A cidade fica a poucos km do entroncamento da BR 343 com a BR 222, não muito longe do Parque Nacional de Sete Cidades.

⁹ Os peixes são provenientes do grande “Açude Caldeirão”, represa situada a 9 km de Piripiri.

¹⁰ A Chapada de Ibiapaba situa-se a uma altitude média entre 800 e 1100 m, o que propicia um clima mais agradável em qualquer época do ano.



Chapada de Ibiapaba



e agora em terras do Ceará

A primeira cidade na depressão sertaneja é Tianguá, a pouco mais de 300 km de Fortaleza. Nossa primeira parada foi na cidadezinha de Aprazível, toda postada ao longo da rodovia. De aprazível não descobrimos o que tem, contudo é um importante entroncamento rodoviário, habitado por gente simples, tranqüila, sem pressa, contrastando com o movimento de caminhões e automóveis.

A certa altura do caminho mais um andarilho do asfalto. Desde a nossa partida, com certeza, já avistamos mais de seis deles. São figuras muito estranhas, todos com a barba por fazer, cabelos longos, carregando uma troça às costas. Alguns se parecem com a lendária figura do nosso “Monge João Maria”, dos tempos da construção da Ferrovia na fronteira de Santa Catarina e Paraná. Se tirássemos um tempo para entrevistar a cada um deles, com certeza teríamos um documentário muito interessante.

Ao avistar a primeira placa indicativa sobre a proximidade de Sobral, Lena vibrou com a possibilidade de poder almoçar num shopping. Afinal, a famosa Sobral foi escolhida como local da Conferência de comprovação da Teoria da Relatividade de Einstein, por ocasião do Eclipse Solar de 1919. Sobral, transformada em paraíso fiscal de 153 empresas, entre as quais a Grendene de Farroupilha, onde meu primo Márcio, desde longa data coordena o setor de marketing, conta atualmente com quase 200 mil habitantes e sustenta o 2º maior PIB do Ceará. Infelizmente no pequeno shopping de Sobral não tem praça de alimentação e Lena, indisposta, pediu uma sopa e a Raquel uma empanada. A cidade era um alvoroço, cheia de automóveis, com poucos locais para se estacionar e o calor nos empurraram novamente para a BR 222.

Até aqui não tínhamos tido ainda, noção do verdadeiro sertão nordestino. Mas agora a paisagem estava se tornando cada vez mais deprimente. As árvores verdes e a constante

presença das palmeiras, sobretudo rente às regiões mais baixas, foram se tornando escassas e o ar cada vez mais seco.

Entre Forquilha e Iratinga tivemos um trecho de estrada irregular, com muitas rachaduras na pista e alguns buracos. Enquanto dirigia com certo cuidado e apreensão, comentávamos a serra com alguns picos altos, os estranhos cercados formados com estacas de madeira retorcida, os casebres de terra cota, muita pedra e algum capim seco e por conseqüência, nada de gado nem cabritos. Essa estranha paisagem foi despertando em nós uma sensação de abandono, de carestia e miséria. Como viver aqui nesta terra quase deserta?



Os primeiros sinais do sertão



nordestino

O sertão nordestino me fez lembrar um pouco do deserto do Atacama. Em alguns lugares as pedras predominam na paisagem formada de escassos arbustos quase que desfolhados completamente. Lá adiante alguns morros altos, às vezes isolados, tiravam a monotonia da paisagem agreste. Um desses morros, com seu pico de talvez uns 700 metros nos fez lembrar do Licancabur, próximo à San Pedro de Atacama.

Depois de Umirim e São Luis do Curu a estrada melhorou, porém, o trânsito também se intensificou e finalmente chegamos à primeria auto-estrada de acesso ao centro de Fortaleza. Era bastante cedo e nossa intenção era buscar o quanto antes uma pousada ou hotel próximo da praia. Cruzando pelas proximidades do centro sondamos o preço de alguns hotéis e fomos direto para a Praia do Futuro. Lá, no primeiro posto de combustíveis, nos recomendaram algumas pousadas e hotéis que infelizmente estavam todos lotados. Até que a Lena e a Raquel encontraram um hotel com alguns quartos vagos, mas, infelizmente, muito mal cuidados. Por fim nos instalamos no Praia Hotel 2000, longe umas três quadras da praia, onde passamos duas noites.

Depois de um bom banho, descemos até a praia. Ficamos impressionados com as lindas e amplas coberturas ao longo da praia. A Lena e a Raquel se jogaram logo nas águas mornas do mar inquieto. Eu fiquei sentado numa cadeira, descascando um saco de amendoins comprados numa banca de beira de estrada, ainda quando estávamos em terras do Maranhão. Ventava muito, devido às chuvas daqueles dias, por isso procurávamos permanecer cobertos pela água. Finalmente saímos e procuramos por um orelhão, para saber como estavam os nossos no Sul.

Depois de diversas tentativas infrutíferas, encontramos um orelhão funcionando e ligamos para nossas casas. Felizmente todos bem de saúde, mas curtindo um frio danado. A professora Nivi, com quem Lena entrou em contato, nos invejou e disse que o frio estava insuportável. Coisas do nosso vasto Brasil: enquanto uns passam frio outros se divertem na praia. Nós, felizmente, estávamos escapando do frio mais uma vez, como em 2005.

Antes de adormecer uma notícia triste: nosso amigo Pe. Valter Baggio acabara de falecer. Mais uma grande perda para a igreja de nossa região. No último dia 3 de junho tinha falecido Frei Wilson João Sperandio, pároco de Marau por quase 22 anos.

Dias 15 e 16, sexta e sábado: Fortaleza¹¹.

Amanheceu chovendo, mas o clima era agradável e dava vontade de sair correndo debaixo d'água como nos tempos de guri. Após o café, decidimos procurar pela famosa “Torre do Artesanato” de que tanto nos havia falado a Saiane. A certa altura parei e pedi informações para um motorista que nos respondeu com sotaque português, dizendo que pouco mais adiante deveríamos seguir pela direita. Foi o que fizemos e, algumas quadras adiante, o simpático português nos acenou positivamente para seguirmos em frente. Em fim chegamos ao Mercado Central e deixamos o carro no estacionamento interno.

¹¹ O nome foi motivado pelo Forte Schoonemborch, construído pelos holandeses entre 1637-1654.



Torre do Artesanato



tempero cearense

A Torre do Artesanato é, de fato, um lugar imperdível para quem chega como turista. Ali, desde o chão até o quarto andar, subindo sempre por suaves rampas, se encontra de tudo: castanhas de caju, como a Lena me trouxe agora para comer; rendados de todo tipo; confecções típicas da região nordestina; calçados de todo estilo, feitos até de couro de jegue e uma infinidade de souvenirs. Na área de alimentação fizemos uma das melhores refeições da viagem e ao sairmos acabamos deixando na Torre perto de 700 reais.



Torre do Artesanato



em Fortaleza

Quando saímos do estacionamento o tempo tinha melhorado e o sol secara completamente a pista. Era como se não tivesse chovido. Andamos por algum tempo à beira mar, ao longo da praia de Iracema. Fizemos uma pequena parada para contemplar à nossa direita os luxuosos hotéis e à esquerda os jardins arborizados rente ao mar. Mais adiante mais uma parada na Sorveteria 50 Sabores, onde cada qual fez uma escolha diferente. Eu preferi sapoti, um dos que mais gostei quando estive por aqui com o Rogério em 1983. Lembrei então do “Índio”, um jovem pintor de São Luis do Maranhão que retratava em telas cenas de “Bumba meu Boi”, das quais meu primo se encantou e acabou comprando duas por cem dólares. O Índio gentilmente se comprometeu de despachá-las pelo correio para Irvine, California, após receber um acréscimo de mais vinte dólares.



Infelizmente as ditas telas nunca chegaram ao seu destino, provavelmente foram vendidas para outros turistas que por lá estavam.



Litoral



Fortaleza

Voltamos para o Hotel Praia 2000 e, como continuava ventando como no dia anterior, preferimos descansar em volta da piscina, tomando chimarrão enquanto a Raquel se divertia dentro d'água.



Chimarrão



e piscina

Dia 17, sábado: Canoa Quebrada.

Após o pagamento de 329 reais pelas duas noites e alguns lanches, partimos satisfeitos para um novo dia de aventuras pelas estradas do litoral do Ceará. O sábado amanheceu bem lindo e nosso destino chamava-se Canoa Quebrada. O velocímetro cronometrava 55.550 km, ou seja, estávamos na metade da viagem, pouco mais 5 mil km desde que saímos de casa.

Com certa facilidade, andando por amplas avenidas bem sinalizadas, do lado rico e moderno do leste de Fortaleza, alcançamos a CE 040. Pouco antes do rio Jaguaribe enveredamos pela BR 304 e, pouco tempo depois estávamos em Canoa Quebrada. Aqui o

burburinho era grande, carros e gente por todo lado. Quando entrei na portaria do primeiro hotel, acabavam de locar o último quarto. Em outras pousadas também não havia mais lugar. Foi então que um sujeito esquisito, quase esquelético e muito sujo, enquanto mordida um enorme sanduíche, se ofereceu para nos arranjar um lugar. Naquele momento as duas estavam nos bancos detrás, por isso, abri-lhe a porta e o convidei para entrar. Elas ficaram com cara de quem não gostou, mas eu fiquei contente de poder ajudar aquele pobre irmão cearense. Ele, enquanto mordeu o sanduíche, foi nos dizendo que tudo estava lotado, mas que provavelmente nos conseguiria um lugar bem confortável. Fomos seguindo por ruelas estreitas por entre muros altos até chegarmos num portão sobre o qual estava escrito: “Recanto dos Orixás”.

Logo que paramos o carro o magrelo saiu correndo por entre os muros de outra ruela lateral, mais estreita que as demais, voltando em seguida na companhia de uma simpática mocinha que vinha carregando um molho de chaves. Era a filha do dono da Pousada Iguana, proprietário também deste amplo terreno cercado por muros, dentro do qual já estavam prontos dois quartos bem equipados. Não tínhamos ainda descarregado todas as malas quando o segundo quarto também fora locado por mãe e filha vindas de Belém do Pará, a bordo de uma grande camionete esportiva. Bendito magrelo que nos ajudou no momento certo, fazendo com que retornássemos ao estado ideal de bom humor. Ainda antes do almoço tivemos tempo de tomar um banho na piscina da Pousada Iguana, muito linda e lotada.



Na pousada Iguana em Canoa Quebrada

O almoço foi no restaurante do mesmo dono da Pousada, um local bem agradável, na rua principal de Canoa Quebrada. Depois de um breve repouso nos Recanto dos Orixás, vestimos nossos trajes de banho e partimos para a praia.





Jangadas de Canoa Quebrada

À tarde ensolarada só não estava melhor por causa daquele vento característico dos tempos de chuvaradas. A chuva tem sido mais freqüente que de costume para esta época do ano. Mesmo assim, o banho nas águas claras e mansas aquém dos recifes foi muito gostoso. A Raquel e a Lena entraram por primeiro, enquanto eu procurei fazer algumas tomadas fotográficas desta famosa praia cearense.



No alto das falésias avermelhadas um parapente colorido fazia piruetas no entorno, enquanto ao longo da praia de areias um tanto escuras desfilavam pessoas de todo tipo: morenos, claros, ruivos, gordos e magrelos, gente da região nordestina, outros de diferentes pontos do Brasil e alguns do outro lado do Atlântico. Boa parte da fauna humana estava aí representada.

A famosa estrela no meio da lua, desenhada nas falésias avermelhadas são o símbolo principal de Canoa Quebrada.





Retornando à Pousada Iguana desfrutamos do local apazível com sua piscina, grama, flores, sombra de árvores típicas da região, bancos de madeira ao longo do avarandado. O café da manhã seguinte também foi servido aqui. Antes de partir troquei ideias com um mineiro que a diversos anos trabalha na região nordeste como supervisor do Banco Bradesco. Ele nos contava de que os melhores hotéis e pousadas do nordeste estão caindo nas mãos de estrangeiros. Os estrangeiros, além de investirem em infra-estrutura, investem também no preparo do pessoal atendente, conquistando a freguesia. Poucas pousadas como esta, dizia ele, continuam em mãos de brasileiros. É uma pena.

Dia 18, domingo: rumo à Natal.

Amanheceu mais um dia lindo, esplendoroso. Foi uma pena ficarmos tão pouco tempo em Canoa Quebrada. Depois de contemplarmos o entorno, incluindo o rodar das preguiçosas hélices eólicas ao longe na direção de Aracati, prosseguimos pela BR 304, em direção a Mossoró. O grande número de motociclistas em sentido contrário me fez lembrar do Hilário, do Afrânio e da Isabel e Edinei, que tanto apreciam viajar de moto. Por aqui se tem a vantagem do clima favorável. Lena até fotografou um triciclo preto muito estranho, super carregado de apetrechos escuros, que ultrapassamos. Além das motos, mais um “andarilho de asfalto”, um tipo que me fez lembrar do Antônio Conselheiro, que depois de traído pela esposa se converte em eremita restaurador de cemitérios, de pequenos oratórios e igrejas abandonadas no sertão, até os tempos de messianismo e construção do Arraial do Bom Jesus, nas proximidades do Vasa Barris, interior da Bahia, no final do século XIX.

Mossoró, o mar de onde é extraído o nosso sal de cozinha, é hoje uma cidade próspera, com um bom número de edifícios em construção. A exploração do petróleo pelos

“cavalinhos” em terras de particulares, fez com que muitos passassem de uma vida de carestia, para uma vida de fartura. Nós, no entanto, não conseguimos avistar nenhum dos “cavalinhos petroleiros”.



O estranho triciclo



Avenida Beira-mar de Natal

A rodovia está muito boa, além de reta e plana. Desta vez o almoço aconteceu numa churrascaria que há diversos anos está aos cuidados de uma família sulista, aqui de Erechim. Uma senhora quase grisalha, mas bem disposta, acolhia a todos com um sorriso de boas vindas e, enquanto com uma das mãos entregava o folhetim de entrada, com a outra oferecia uma cuia de chimarrão com erva bem verde. As mesas estavam repletas de gente, a maioria com cara de sulista.

Pouco tempo depois avistamos os primeiros dos altos prédios da moderna Natal. Ainda não eram 14h quando cruzamos pelo monumento da Sagrada Família de Belém na ponta da Estrela Cometa que encobre a grande avenida de entrada da capital do sol. Desde 1983, quando estive por aqui com o Roger, houve uma grande transformação desta cidade. Não existia a grande avenida beira mar, dando acesso aos luxuosos hotéis rente à praia. Por aqui também ventava muito e por isso não tivemos vontade de nos banhar na praia.

Seguindo pela avenida beira mar, procurei pela praia do farol onde 27 anos antes tinha estado com o Roger. Mas agora estava tudo mudado. No lugar onde estavam algumas barracas que serviam siri e outros petiscos do mar, um enorme e moderno relógio solar e uma espécie de dique até rente às águas. Algumas pessoas estavam tomando banho na desfigurada praia natural de outros tempos. Lembro-me tão bem da orla e encosta onde existiam apenas algumas casinhas simples, do “arrecife” à flor d’água sobre o qual ficávamos à espera das ondas que, ao bater, faziam a água saltar uns 4 a 5 metros de altura. Ainda guardo alguns slides desta aventura. Um paredão de edifícios moderníssimos e



chiques tapou a belíssima visão do mar daqueles que ainda moram na encosta. Conversando com um provável menino daqueles tempos, agora um senhor dos seus 35 anos ele arrematou com nostalgia enquanto olhava para os luxuosos prédios à beira mar: “Essa ‘invasão’ aconteceu com a aprovação do poder público que não ligou para os nossos protestos. Para quem mora nos edifícios a visão panorâmica continua linda, mas a praia está desfigurada”. E realmente foi esta a sensação que senti 27 anos depois.



Em 1983 esses prédios não existiam foi uma “invasão” dos ricos

E assim, sem vontade de correr dunas acima até o antigo Farol, como tínhamos feito Roger e eu, retornamos pela moderna avenida beira mar contemplando a paisagem natural misturada com os belos edifícios da moderna Natal.



A bela Avenida Beira Mar da moderna Natal

Lena fez muitas fotos e, depois de procurar por uma saída sul, topamos com uma placa nos convidando a chegar até “Barreira do Inferno”, base de lançamento dos foguetes “brasileiros”, uns dez quilômetros adiante. Depois de conversar brevemente com os “guardinhas verdes”, que muito gentilmente nos informaram de que não estavam



recebendo visitas, retornamos até o centro de Natal e de lá, procuramos pela auto-estrada que nos conduziria até João Pessoa.



Os 180 km estão praticamente todos prontos e, por isso, à tardinha já estávamos no centro histórico de João Pessoa. Um simpático casal de Porto Alegre, que nos pediu para fotografá-lo frente ao lago, nos repassou algumas informações sobre a cidade. Seguindo suas sugestões nos dirigimos até a orla, onde se encontram a maioria dos hotéis e pousadas. Quando lá chegamos já estava escurecendo, apesar de não serem ainda 17 h. Então deu para se perceber de que estávamos, de fato, na cidade mais ao leste do Brasil. Os hotéis e pousadas da avenida beira mar estavam lotadas. Depois de várias buscas, acabamos nos hospedando na “Pousada do Cajú”, próxima à padaria/lancheria que nos saciaria a fome.

Este foi um domingo cheio de recordações e de muita novidade. O Nordeste brasileiro não é mais o mesmo de algumas décadas, tem mudado muito e para melhor, percebesse isso na satisfação do povo e pelas suas estradas. De João Pessoa à Campina Grande agora é tudo auto-estrada, assim como até Olinda/Recife. Então me lembrei de julho de 1990, quando em viagem para o México, juntamente com outros três brasileiros (Aldino, Zé Dias e Nainora) passamos por quase todos os países da América Latina e nos perguntávamos pelo dia em que o Brasil atingiria o mesmo nível do salário mínimo de Costa Rica, 110 dólares, o maior dentre todos os países latino-americanos. Quem diria hoje nosso salário mínimo está beirando os 300 dólares. E como consequência disso tudo, mais gente está tendo acesso à casa própria, a educação, ao automóvel... Infelizmente a corrupção continua, como nos velhos tempos, com a diferença de que agora está se tornando cada vez mais pública, graças às investigações da Polícia Federal. Nem tudo está perdido, o Brasil tem solução sim, na medida em que o povo não votar mais no lobo vestido de cordeiro.

Dia 19, segunda: Olinda e Caruaru.

Depois do farto café com tapioca e outras comidas típicas da região, no restaurante em frente à Pousada Cajú, partimos em direção à Olinda e Recife. Os canaviais nos acompanharam, como no dia anterior, durante a maior parte dos 115 km. Chegamos cedo à Olinda e, sem maiores dificuldades, quando percebemos estávamos no alto da colina ao lado do antigo forte, depois transformado em Igreja, pertencente ainda hoje ao Seminário de Olinda/Recife.



O Fábio Fidélis, nosso Guia em Olinda e o Forte que foi transformado em igreja do Seminário Diocesano



O clima agradável e o céu límpido contribuíram para este dia fosse o melhor de toda a nossa viagem. No estacionamento do antigo seminário encontramos o Fábio, que provavelmente era menino, quando aqui estive pela primeira vez em 1973, acompanhando o padre Firmino Dalcim, o Rubem Dotto e o casal Ester e Eduardo Nogueira com seus três filhos: Carlos Eduardo, e Bianca, hoje professores universitários em Pelotas, Santa Maria e Florianópolis, respectivamente. Tudo igual. Igual estava o Convento do Carmo onde o

Roger e eu fomos gentilmente acolhidos em 1983. E sob a orientação do menino-guia de antigamente, quem sabe, percorremos as ruelas de Olinda, visitando suas belas igrejas e conventos, a casa de Henrique de Nassau, o mercado da beira onde os escravos eram comercializados, as casas singelas ao longo das ruas estreitas, a subida da ladeira até a Santa Casa de Misericórdia. Vagarosamente e atentos às explicações do nosso guia Fábio Fidélis, percorremos provavelmente uns 6 km da velha Olinda, em três horas de caminhada.



Ruas de Olinda antes da subida para a Santa Caca



Casa do governador holandês, Maurício de Nassau



Ao longe Recife



O Mosteiro de São Bento



Planta na sacada



1ª Loja Maçônica do Brasil



No Mercado da Beira, onde eram comercializados os escravos negros, Raquel e Lena tiraram fotos ao lado dos “bonecos gigantes” e compraram a “caixinha mágica”.



Mercado da Beira – comércio de escravo

a subida para a Santa Casa de Misericórdia

Antes de encerrar o nosso passeio turístico na Igreja da Sé, onde foi sepultado Dom Helder Câmara, o “profeta defensor dos pobres”, ídolo dos jovens europeus e odiado pelas lideranças da ditadura militar, o simpático Fábio nos levou até o belvedere ao lado, onde, atentos às suas precisas explicações, contemplamos mais uma vez o conjunto de Olinda e o seu casario em meio à vegetação abundante.

Ao longe a moderna Recife com suas “torres gêmeas”, praia da Boa Viagem e mais ao longe ainda o porto de Galinhas.



Recife para além do casario

de Olinda

E por uns instantes meu pensamento retrocedeu no tempo: lembrei-me primeiro da visita que fizemos a Dom Helder. Naquele tempo ele se hospedava nos fundos da Igreja das Fronteiras. Um senhor que cuidava de uma banca de frutas e verduras ao lado, nos informou de que ele havia saído cedo, deixando o recado de que só voltaria à noite. Dom Helder era uma pessoa simples e coerente, gostava de conviver com os humildes. Depois



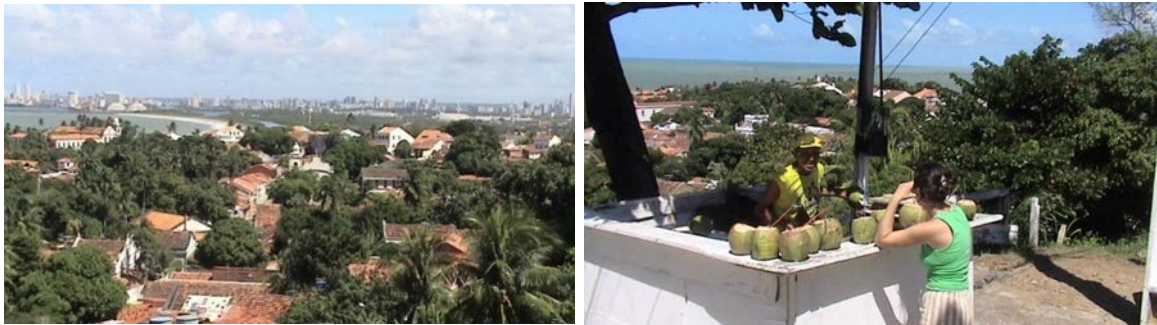
me lembrei de que certa manhã, quando estudava em Roma, depois de sair pelo portão do Colégio Pio Brasileiro, avistei aquela figura frágil, caminhando com passos miúdos envolto em uma batina marrão clara. Apressei o passo e, sem perturbá-lo, procurei acompanhá-lo à distância.



Fiquei impressionado com o cuidado que teve para atravessar a rua, olhando repetidas vezes para ambos os lados, até o momento de sair correndo para o outro lado, onde estava a parada do ônibus 54. Mesmo pequeno e exprimido no ônibus lotado, sua figura não passou despercebida. Um senhor elegante, de uns 35 anos, conversando com o colega ao seu lado lhe sussurrou: *“Guarda, quello li é Camárra. A quindici anni, quando ero il capo della giuventú di Firenze, lho abbiamo invitato a fare una conferenza per tre giorni. É um santo!”* Próximo ao Vaticano Dom Helder desceu e, provavelmente, se encaminhou para mais uma “visita ad límina”, enquanto eu prossegui para mais um exame oral na Gregoriana. Foi na tarde daquele mesmo dia que tive a extraordinária e ao mesmo tempo singela oportunidade de cumprimentá-lo e, juntos com outros colegas, trocar idéias sobre o futuro da Igreja. No pouco tempo em que estivemos juntos, deu para perceber que Dom Helder se sentia “como um menino nos braços da Divina Providência. Ele tinha plena confiança em dias melhores para o mundo e para a Igreja. Diante deste pequeno grande homem, é impossível não lembrar da figura de Madre Teresa de Calcutá, ambos tinham uma predileção especial para com os mais pobres entre os pobres.

Depois de recompensar ao Fábio com 60 reais, e a Raquel com mais 10, nos despedimos e partimos para a compra de algumas lembranças. O almoço aconteceu num pequeno “Restaurante da Da. Alice”, quase de frente para o mar. Em seguida, depois das

tentativas infrutíferas para encontrar uma pousada ao gosto da Lena, decidimos partir em direção à Caruaru.



Vencidas as dificuldades costumeiras para se livrar dos grandes centros urbanos, como a travessia pela lateral de Recife, nos sentimos à vontade pela auto-estrada BR 232. Nos primeiros 70 km segue-se por terras mais ou menos onduladas, depois, a medida que nos aproximamos do rio Ipojuca, vem a serra. Ao cruzar por Gravatá se tem a sensação de estar num recanto privilegiado do nordeste. O clima agradável, propiciado pela altitude, fez com que surgissem muitas casas de campo. Os belos e variados chalés, quase todos cobertos com telhas vermelhas, contrastam com os verdes campos da região. Com certeza a maioria destas casas pertence a ricos senhores da Capital pernambucana. Bezerros é outra cidade de estilo semelhante e por fim Caruaru.



Pelo interior de Pernambuco

Caruaru a 130 km de Recife, conhecida como a “Princesa do Agreste” e “Capital do Forró”, considerada pela UNESCO como maior centro de arte figurativa das Américas, é palco da mais famosa feira popular do Brasil. Na última década vem se destacando também como um grande centro de confecções. Logo na entrada da cidade, fomos atacados



por um senhor que aos berros nos fazia sinal a fim de que parássemos. Estacionei pensando em pedir explicações aos que se encontravam na rua em frente a uma oficina, quando chegou aquele senhor dos berros, montado numa pequena motoca, apresentando-nos um crachá da Prefeitura Municipal, dizendo-se guia dos que estavam chegando para a “Feira de Confecções”. Naquela noite, às 22 h, seria aberta uma feira para a qual estavam esperando 60 mil visitantes. O senhor do crachá foi nos dizendo: “Vocês estão à procura de um hotel? Não tem problema, é só me seguirem que eu vou montado em meu “jegue”. E lá fomos nós para o centro da cidade, que conta atualmente com 300 mil habitantes, a procura de um hotel. Lena não gostou do primeiro e acabamos, provavelmente, num dos piores de nossa viagem. Infelizmente Lena não estava disposta a nada e, por isso, não fomos visitar a dita feira.

Dia 20, terça-feira: União dos Palmares, Lagoinhas.

Quando partimos de Caruaru que está próxima dos 600 m de altitude, fazia 18°C. Os primeiros km da BR 104 estavam ruins e o tráfico bastante intenso tornava mais difícil as ultrapassagens. À medida que o dia foi clareando, com o despontar do sol a nossa esquerda, uma paisagem muito linda foi se apresentando aos nossos olhos. Toda esta região bastante montanhosa, mas de pastagens verdes, é aproveitada para a criação de gado. Boa parte dos montes tem na sua parte mais elevada uma cobertura formada por rochas escuras conferindo à paisagem um toque diferente de tudo o que tínhamos visto até agora. Os montes do trecho entre Sobral e Fortaleza, por exemplo, não tinham no seu entorno o verde que por aqui é abundante.



Depois de Barra da Chata, começamos a descer até o rio Una e tornamos a subir até Panelas e tomando café em Quipapá, ainda no estado de Pernambuco. Por volta das 9 h chegamos a São José da Laje e pouco tempo depois passamos por União dos Palmares, já por entre canaviais de Alagoas.



União do Palmares



Vila de cortadores de cana - Alagoas

Já próximos de Antônio Vilela, depois de termos rodado uns 90 km pela BR 101, um contratempo: ao abastecer o carro percebi que o pneu dianteiro esquerdo estava baixando depressa. Imediatamente conduzi a Scênica até a primeira borracharia que encontramos. O corte na lateral do pneu aconteceu, provavelmente, na manobra que fiz ao entrar no posto, onde os paralelepípedos estavam mal colocados. O borracheiro sentenciou: *“Este pneu só tem conserto numa vulcanizadora. Mas para sorte sua tenho aqui um pneu igual. Na troca aceito o seu e mais 200 reais.”* Ofereci os 182 reais que tinha no bolso e fizemos a troca, colocando o novo com o estepe na frente. Certamente aquele pneu novo, com roda e tudo, fora retirado de outro carro que também precisou de ajuda. Que Deus ilumine aquele que sofreu tal prejuízo, para que esteja mais atento da próxima vez que tiver que consertar um pneu.



Propriá e a ponte sobre



o velho Chico



Ao chegarmos a Propriá, fizemos uma pequena parada para fotografar a ponte sobre o rio São Francisco. Ventava bastante e, dali por diante, começamos a ter algum chuvisco.

Os canaviais e plantações de laranja se alternavam conforme o terreno. Não imaginávamos encontrar por aqui tanta laranja: 100/10 reais. A travessia do Sergipe é um tanto longa e de paisagem monótona com o predomínio dos canaviais. Passando ao largo de Aracajú, assim como fizemos com Maceió, às 15 h chegávamos a Estância. Aqui tínhamos duas opções: poderíamos prosseguir pela BR 101, ou então, pela esquerda, pela BA 099, poderíamos seguir em frente até Salvador. Mas como Lena e Raquel não tinham boas referências da Bahia, preconceituosas por sinal, seguimos em frente até Alagoinhas, onde pernoitamos num Hotel inaugurado a apenas dois meses e por isso, com preços promocionais de 97 reais por casal, mas 40 para acompanhante. Foi o melhor de toda a nossa viagem. Com certeza não nos esqueceremos tão fácil da sopa chique e do arroz à grega que nos serviram. Alagoinhas, “Terra da Laranja”, é uma cidade com cerca de 160 mil habitantes, destacando-se na produção agrícola de limão, abacate, laranja e batata doce. A rede hoteleira possui 500 leitos.

Dia 21, quarta-feira: pelo interior da Bahia até Porto Seguro

Pouco mais de 50 km e já estávamos cruzando sobre a auto-estrada Salvador a Feira de Santana. O tempo um pouco nublado e com cerração nos locais mais elevados, estava um tanto úmido, mas de temperatura agradável. Um pouco mais além de Humildes enfrentamos alguns chuviscos, mas a estrada bastante reta favorecia as ultrapassagens. Sempre pela BR 101, cruzamos sobre o rio Paraguaçu, mais além passamos por Governador Mangabeira, Sanca, Sapeçu, Santo Antônio de Jesus, todos lugarejos de médio para pequenos porte, com cara de antigos. A certa altura, atraídos por tantas bancas de produtos artesanais, resolvemos parar e conferir. A Raquel aproveitou para tirar umas fotos ao lado de negras de sua altura, todas de barro pintado, umas retratando baianas carregando vasos na cabeça, outra grávida e a Lena acabou comprando um pequeno bule marrão com um prato de suporte, hoje colocado sobre o nosso fogão à lenha.





Aos poucos a topografia foi mudando, tornando-se cada vez mais montanhosa e, conseqüentemente, aumentaram as curvas. A paisagem continua verde, predominando as pastagens de criação de gado, pequenas plantações de café, mamão, milho, laranja e banana. Outros lugarejos foram surgindo pelo caminho dobrado: Teolândia, Gandu, Ibirapitanga. Em Ubaitaba nos chamou atenção a “Churrascaria Maraú”, à beira do caminho. Consultando o mapa percebemos que Maraú ficava na encosta da Península de mesmo nome, a apenas 45 km, bem próxima do mar. O nome também tem origem indígena, da tribo “mayra”. São Sebastião de Mayrahú, fundada em 1705 por padres capuchinhos italianos, transformou-se na Maraú de nossos dias. Trata-se de uma pequena cidade plantada na encosta da Península de Maraú, próxima ao mar. A beleza da natureza envolta e o ambiente tranqüilo passou a atrair turistas de diferentes regiões, até do estrangeiro. Quem sabe algum dia ainda iremos conhecer este recanto do litoral baiano.



Café, Açaí



floresta atlântica.

Há algum tempo estávamos viajando pela famosa “Costa do Cacau” Depois da praga que dizimou boa parte das plantações de cacau do Brasil, nosso país passou a importar cacau da Costa do Marfim. Hoje o Brasil produz apenas 5% da produção mundial, enquanto que a Costa do Marfim produz 40%. Por aqui também se vê plantações de café e de açaí, além de muitos cacauzeiros por baixo das árvores ralas.

A certa altura estacionei a fim de que Lena e Raquel pudessem ver de perto as plantas que produzem a matéria prima do chocolate. Os cacauzeiros, plantas de médio porte, vicejam em geral à sombra de outras árvores maiores. Por isso, não existem plantações extensivas como as de café, mamoeiros e laranja. Depois de algumas fotos e colheita de algumas frutas, prosseguimos nossa jornada em meio à mata verde, uma constante na maioria do caminho. Nossa intenção era chegar a Porto Seguro ainda cedo a fim de podermos escolher um bom hotel ou pousada.



Pela costa do Cacau



interior da Bahia

Almoçamos já próximos de Itabuna¹², no “Restaurante do Nego Novo”, ao lado do grande “Posto do Nego Veio”. O belo e amplo restaurante dotado de variado cardápio, tinha atraído muita gente. Mas um grupo de jovens contrastava e se sobressaia no meio de tanta gente. Todos eles de cabeça quase raspada, calçavam botas pretas de cano alto, vestiam uma espécie de sotaina marrão com o desenho de uma espada dourada sobre a mesma e um grande crucifixo dependurado no pescoço, estavam todos juntos, sob o comando de três adultos vestidos ainda com maior pompa. Num primeiro momento fiquei pensando que eram da TFP, mas, perguntando a um deles, este me respondeu serem da Associação dos “Arautos do Evangelho”, especialmente a serviço do papa. Dignas figuras de filmes dos Cruzados da Idade Média. Quando acabei de almoçar e pensei em fotografá-los, já tinham desaparecido do lugar.

Ilhéus ficava a pouco mais de 30 km de Itabuna e eu bem que tive vontade de conhecê-la, mas as “meninas” estavam “cansadas” e, com medo de influir no seu bom-

¹² Itabuna “Capital do Cacau”, conta com 220 mil habitantes, terra de Jorge Amado, que faz referências em “Terra Sem Fim” e em “Gabriela, Cravo e Canela”.



humor, prosseguimos o caminho em busca de um Porto Seguro. Mesmo porque tínhamos ainda pela frente quase 250 km de estrada bastante movimentada e acidentada.

Em Eunápolis deixamos a BR 101 e pouco tempo depois chegávamos a Porto Seguro. Num posto de entrada da cidade, onde abastecemos a 2,92/l, o combustível mais caro de toda a viagem, perguntei pelo Banco do Brasil, pois já estávamos em dinheiro e seguimos em direção à praia. Estacionamos em frente à uma pousada ao lado da agência do BB. Um senhor de Angra dos Reis fez uma boa propaganda sobre a tal pousada, mas nós que não costumamos embarcar na primeira, depois de perceber que outros hotéis por perto estavam lotados, retornamos na mesma. A pousada com quartos de frente para o mar certamente fez sucesso nos tempos em que era bem cuidada. Agora, alugada por um paranaense de Maringá, está em decadência. A água da torneira estava turva e isto foi o suficiente para que Lena no dia seguinte desistisse de procurar por outra, e assim nossa estadia em Porto Seguro não passou de 20 horas.

Dia 22, quinta-feira: Porto Seguro

Chegamos a Porto Seguro¹³ no mesmo dia da semana em que a esquadra de Pedro Álvares Cabral avistou o Monte Pascoal, quarta-feira, por volta das 14 h do dia 22 de abril de 1500. Por coincidência nosso dia do mês em curso, também era 22. Tudo convidava a reviver o célebre encontro dos portugueses com os nativos daqueles tempos. A Raquel estava atenta a todas as coincidências e vibrava com tudo isso.



¹³ Porto Seguro com 120 mil habitantes, com tem prédios altos e possui a maior estrutura de praia do Brasil. O litoral mantém, basicamente, as características do tempo do “descobrimento”.

A Carta de Pero Vaz de Caminha nos dá conta de que das 13 embarcações só chegaram 12 delas ao Brasil: 8 naus e 4 caravelas. A nau comandada por Vasco de Ataíde desaparecera misteriosamente no dia 23 de março, duas semanas depois da partida de Lisboa. Mesmo assim estavam chegando cerca de 1200 homens que muito impressionaram os nativos que dali por diante seriam apelidados de “índios. Sabe-se também que a frota de Cabral na passagem pelo Cabo das Tormentas, enfrentou tempestades e naufrágios, ali morrendo Bartolomeu Dias. Em Calicute, atacados por árabes e indianos, morreram muitos portugueses entre os quais o nosso cronista Pero Vaz de Caminha. Cabral, após bombardear Calicute prosseguiu até Cochim, onde obtiveram licença para carregarem as embarcações sobrantes. Apenas 4 naus voltaram carregadas de especiarias: canela, pimenta, noz-moscada e gengibre, chegando em Lisboa no dia 21 de julho de 1501. A desastrosa esquadra de Pedro Álvares Cabral se assemelha a tantas outras daqueles tempos em que os homens partiam deixando mulheres viúvas aflitas e filhos semi-órfãos. Sabe-se, por exemplo, que das 5 embarcações que partiram em 1519 sob o comando de Fernão de Magalhães, tendo a bordo 215 pessoas, somente uma voltou para a Espanha, dois anos depois, tendo a bordo apenas 18 homens. Essa gente merece como bem canta Camões em os Lusíades, o título de bravos e destemidos. Agosto era o mês em que as esquadras partiam, por isso, ainda hoje as portuguesas não querem casar neste mês de tristes despedidas.



O português e a índia



nossos guias pelos tempos de Cabral

Caminhando pelas praias deste litoral é fácil de imaginar como foram os primeiros contatos com a nova terra e sua gente. Tudo parece próximo, até parece que foi ontem. Os portugueses ficaram no Brasil de 22 de abril a 1º de maio, sendo que durante todo este tempo ninguém deles passou uma noite em terra, pois os índios, muito desconfiados, não o permitiram. O primeiro homem a pisar em terra foi Nicolau Coelho. O grupo de homens

nus que estavam na praia armados com arcos e setas, depois de acenos alusivos, baixaram suas armas, possibilitando assim, a primeira troca de presentes. Nicolau Coelho, em troca de um gorro vermelho e alguns chapéus, recebeu um colar de continhas brancas e um chapéu enfeitado com penas de aves.

O ponto alto de nosso passeio foi, sem dúvida, a visita à Nau Réplica de Pedro Álvares Cabral, postada no parque do descobrimento. Enquanto o casal representante de portugueses e índios falavam os olhinhos da Raquel brilhavam e, no pensamento de todos nós, desfilavam portugueses e índios daqueles tempos. Até a Lena se entusiasmou com a visita à casa grande de índios e à nau réplica, especialmente quando embarcamos nela para



A caravela réplica da nau comandada por Pedro Álvares Cabral

conhecer mais de perto os aposentos de seus tripulantes aventureiros. Todos riram no momento em que o “menino português” explicava como os marinheiros faziam suas necessidades, fazendo uso da corda desfiada que após limpar a bunda era jogada ao mar para se lavar. A Raquel, que durante a viagem tinha assistido repetidas vezes os dois filmes de Piratas do Caribe, adorou o reduto dos canhões, ensaiando alguns tiros contra os inimigos franceses.



Limpa “rabo” dos marinheiros



do tempo desses canhões



Mais adiante, caminhando pelos locais das primeiras missas e do implante da Santa Cruz, pela Praia Vermelha e Cabrália, retrocedemos no relógio do tempo e fica-se a imaginar os pitorescos e arredios “encontros” de dois mundos, tão diferentes e tão desconhecidos um do outro. Caminha nos conta de que os portugueses às vezes, envolvidos por centenas de índios, se sentiam menos à vontade do que os próprios índios. Relendo a Carta de Pero Vaz, não é difícil imaginar índios e portugueses dançando ao som da gaita portuguesa ou se divertindo com as piruetas do cômico Diogo Dias; a visita de alguns índios às naus; a visita de um grupo de portugueses às moradias dos índios;



Pelos locais das duas primeiras



Missas em Terras de Santa Cruz

o carregamento de mantimentos, de água e lenha antes da partida; o desespero do degredado Afonso Ribeiro¹⁴ e seus companheiros que ficaram na praia aos prantos enquanto a frota partia. Caminha relata que até os índios se comoveram e choravam juntos. A leitura in loco da Carta de Pero Vaz de Caminha nos fascina e transporta aqueles dias memoráveis deste célebre “encontro”, parece que tudo aconteceu apenas ontem. Que estranha coisa é o tempo!

¹⁴ Segundo a Carta de Caminha, outros dois portugueses, no último instante, decidiram ficar com os degredados, sobre os quais não se teve mais notícias. Afonso Ribeiro, reencontrado posteriormente, fornecerá importantes informações sobre a nova terra.

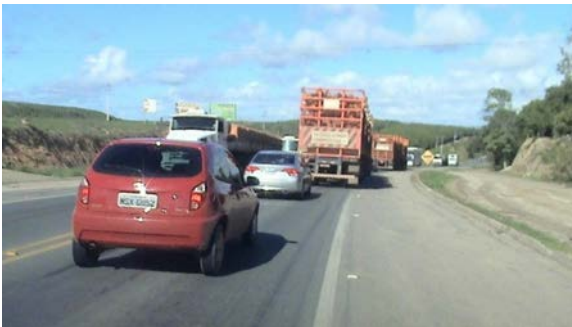


Artesanato em abundância



... chapéus de buriti do Maranhão

Na tarde de 22 de julho, depois de mais umas tomadas fotográficas da praia de Porto Seguro, retomamos a BR 101 e partimos em direção ao Parque do Monte Pascoal. Viajando sempre para o sul, esta estrada percorre uma região de terras dobradas, montanhosa, cruzando por diversos riachos que descendo a serra despejam suas águas no mar. Pelo caminho muitos caminhões bi-trens, carregados de troncos de eucaliptos para as celuloses, tornam o trânsito por vezes lento e perigoso. Nas margens da estrada vão se sucedendo pastagens para criação de gado, plantações de eucalipto, de café, de mamão, de mandioca e outras pequenas culturas de subsistência.



Tráfego pesado pelas estradas do sul da Bahia e pelo Espírito Santo

A certa altura do caminho algumas placas pequenas nos chamou a atenção pelo que nelas estava escrito: “Temos fome”. Junto delas, em geral, alguns casebres de barranca de estrada. Contudo não se via gente, como se vê nos acampamentos de beira de estrada da nossa região. Quem serão eles? Provavelmente gente “sem-terra” ou sem suficiente cultura



para arrancá-los da miséria. Pensando nesta pobre gente nos damos conta do quanto somos privilegiados. A miséria dos irmãos mais pobres nos questiona sobre o que fazer para ajudá-los. Ninguém de sã consciência se sente em paz.

Enquanto passávamos pelas proximidades do Parque Monte Pascoal, observando os montes mais altos e fotografando-os, nos perguntávamos por qual seria aquele que a esquadra de Cabral teria avistado por primeiro. Segundo nosso mapa ele estaria a uns 15 km a nossa esquerda.

À medida que o sol ia se aproximando do horizonte, o céu com algumas nuvens foi tomando a cor avermelhada. E assim passamos por Itamaraju e Teixeira de Freitas ainda no estado da Bahia. Nossa meta era chegar a São Mateus, no Espírito Santo, mas acabamos pousando no terceiro andar de um pequeno hotel de beira de estrada de Pedro Canário. Para chegar até o quarto tínhamos que subir por longas escadas com degraus de tamanho irregular, o que nos causava certo incômodo ao transportar as malas. De qualquer forma, a comida servida pelo restaurante ao lado era de boa qualidade e ao gosto de todos nós.

Dia 23, sexta-feira: Atravessando o Espírito Santo.

A passagem por São Mateus me fez lembrar dos tempos em que trabalhando na Catedral de Vacaria, adotei por um certo período uns Folhetins Litúrgicos preparados por uma Equipe da Igreja daqui e que tinha a supervisão do Frei Beto. Mais abaixo passamos por Linhares e de Serra até para além de Vitória andamos pela auto-estrada, mas não pela ES, auto-estrada à beira mar que conduz até Guarapari. Guarapari das areias monazíticas, cidade onde trabalhava um colega de estudos da velha Roma, chamado Tarcisio Caliman.



O monge e a freira



ipês e jacarandás já florescidos

Prosseguindo sempre pela BR 101, deixamos à direita Cachoeiro de Itapemirim, terra natal de Roberto Carlos e, pouco antes do estado do Rio de Janeiro, dobramos à direita, em direção à Barra do Pirapetinga, sempre na margem esquerda do rio Itaboapana e, enfim, atravessando-o e entrando no estado do Rio. Esta é uma região montanhosa, de estradas que estão passando por reformas e que, por tudo isso, nos fez lembrar de que “quem procura atalho passa trabalho”. Acontece que, pretendendo chegar à São Paulo o mais depressa possível, decidi desviar abandonar o percurso que nos levaria de passagem por Niterói e Rio de Janeiro.

Nosso pernoite aconteceu em Santo Antônio de Pádua, às margens do Rio das Pombas, afluente do rio Paraíba do Sul. O Hotel DZZZ, com quartos de duas peças, janta e farto café da manhã, foi um dos melhores de nossa viagem, tudo por 99 reais.

Dia 24, sábado: Aparecida do Norte.

Depois de bem recuperadas nossas energias e disposição para viajar, partimos pela BR 393, ora a esquerda ora a direita do rio Paraíba do Sul, enfrentando inúmeras curvas e algumas paradas por estarem reformando a pista, tendo como destino o Santuário de Aparecida. Lá pelas tantas por distração e bobeira nos metemos na auto-pista BH-RJ, no sentido do Rio de Janeiro, tendo que retornar em seguida.

Ao cruzar por Volta Redonda, lembrei-me da visita que fizemos à Siderúrgica Nacional, quando por ocasião da conclusão do Curso Científico de Vacaria, estivemos no Rio de Janeiro, na USP, em Santos e Vila Velha no Paraná. Enquanto tentava encontrar uma saída para a Via Dutra, Lena e Raquel reclamavam porque estavam cansadas e com fome. Porém, logo que estacionamos em frente a uma grande e bela churrascaria, elas logo ficaram satisfeitas e concordaram de que valeu à pena esperar.

Depois de lavarmos o carro com água e apetrechos do posto em frente, prosseguimos contentes pela Via Dutra rumo ao Santuário de Aparecida aonde chegamos por volta das 15 horas. Era sábado e no momento em que entramos no imenso santuário, se iniciavam os preparativos para a Missa das 16 horas. Nossa visita foi um tanto rápida, o suficiente para uma prece pelos parentes e amigos diante da imagem histórica de Nossa Senhora Aparecida. Passamos também pelas salas dos milagres e pelo mercado de objetos religiosos, aonde compramos duas velas com a imagem da santinha, uma para Da. Teta e



outra para o nosso lar. Não tivemos tempo de andar sobre a elevada e visitar o antigo santuário, programa que ficou para Lena fazer em outra oportunidade.



Emoção de devoção



no Santuário de Aparecida

Quando retomamos a Via Dutra o sol já estava próximo do horizonte e decidimos procurar por uma pousada na Taubaté do padre Fábio de Melo. O primeiro hotel estava muito caro, o segundo em desleixado e por fim encontramos o hotel Palace Hotel, do jeito que esperávamos. Pedimos o jantar no próprio quarto, que nos serviram após o banho.

Dia 25, domingo: de Taubaté a Curitiba.

O domingo amanheceu lindo, céu aberto e a travessia por São Paulo foi tranqüila. Viajando pela marginal do Tietê nem parecia que estávamos na cidade de maior poluição do país. Naquele domingo estavam fazendo reformas na saída para a Regis Bitencourt, o que nos deixou confusos e, por duas vezes, ficamos perdidos. Ainda na periferia da grande São Paulo, enchemos o tanque de combustível, aproveitando o preço, o mais barato de toda a viagem: 2.29/l, enquanto nos estados produtores de petróleo, como na Bahia e no Rio de Janeiro, tivemos os custos mais elevados. Tudo por conta de absurdos impostos estaduais. Em Marau, graças a COTRAMAR, o preço da gasolina se mantém abaixo da média nacional.

Todas as tentativas de entrar em contato com o primo Arcide foram em vão. Ele estava no “sítio” e eu, depois de duas décadas, não reconheci mais o local da entrada para o mesmo. Foi então que a Lenita se lembrou dos primos de Curitiba e, providencialmente, entramos em contato com Maxi, cujo telefone eu tinha registrado. Ficou decidido que o



procuraríamos, após um novo contato já próximos de Curitiba. Ele haveria de nos esperar no primeiro posto a direita da perimetral, depois da agência da Scania.

O tráfico pelo trecho da Regis Bitencourt ainda não duplicada, foi de uma lentidão de por a prova a paciência de todos. Acontece que determinado caminhão que estava transportando uma estranha máquina andava a uma velocidade de tartaruga e, devido às curvas e tráfico no sentido contrário, dificilmente alguém podia ultrapassá-lo. E o pior é que a Lena estava em apuros e que apuros. Ela queria e precisava parar, mas por mais de meia hora de viagem, não viu nenhum lugar apropriado para se livrar da dor de barriga. Felizmente, depois de muita angústia, já na auto-estrada, Lena avistou um bar numa ruela lateral à estrada, onde rapidamente estacionamos ao lado. Lena pulou a cerca de tábuas sobre um pequeno muro, como a destreza de uma cabrita e, felizmente o banheiro dos fundos estava limpo, com água limpa e todo o necessário para suas necessidades.

Dali por diante a viagem foi mais tranqüila. Já próximo do meio-dia paramos num daqueles restaurantes da Rede , onde os banheiros são ótimos, mas nós não acertamos na escolha da comida. De qualquer forma, o dia estava ensolarado e seguimos nossa viagem até Curitiba, sem mais nenhum “incidente”. Um pouco depois da Scania um acidente tinha bloqueado o tráfico e o Maxi, com quem pouco tempo antes tínhamos entrado em contato, nos ligou novamente para saber o que estava acontecendo. A Raquel atendeu e, pouco depois seguimos em frente até o posto onde o simpático Maxi nos aguardava em seu Astra vermelho, conforme combinado.



Na casa do seu Maxi e



o almoço de Da. Lenir

Depois de um chimarrão gostoso na companhia dos primos Maxi e Lenir e suas filhas Michele e Márcia, Lena se sentiu em casa. E a Raquel divertiu-se brincando com o netinho Vitor sobre o qual seu Maxi comentou: “Neto é o burro que o pai amansa e acaba montando no vô”. Mais tarde, na companhia do Maxi, estivemos na casa/barzão do Ico

(Deoclides) e Sirlei. Por lá chegou também o primo Vander, com quem já tínhamos nos encontrado na casa de Da. Teta.

Vander e Zuleica nos acolheram para passar a noite. Seus filhos cederam o quarto para Lena e eu e a Raquel dormiu com a Alana.

Dia 26, segunda: parque do Palácio de Cristal e retorno para Marau.



Fotos para a posteridade



12 anos depois de nossa primeira visita

Favorecidos pelo bom tempo, nosso passeio pelo Parque Palácio de Cristal foi maravilhoso. Para Lena e eu, que por aqui passamos no nosso primeiro dia de lua de mel, no início de 1999, foi um passeio temperado de nostalgia. Como o tempo tem passado depressa! Até repetimos aquela foto dos dois, num mesmo ângulo, só que agora na companhia da Raquel nos seus 9 anos de idade. Alana e Raquel se entenderam muito bem e vibravam com a beleza da paisagem verde, enfeitada de multi-flores coloridas. Vander e Zuleica foram muito gentis e nos brindaram com alguns “recuordos”. De volta a casa do Maxi, nos despedimos deles que prometeram algum dia nos visitar em Marau.



Maxi e Lenir nos prepararam um almoço reforçado com feijão fatura de bifés e saladas, deixando-nos prontos para a última jornada de nossa viagem. Poucos km além, já sobre a perimetral, Maxi telefonou para dizer que o chapéu da Lena, comprado no Mercado de Fortaleza, tinha ficado por lá. Lena ficou irritada coma a Raquel que o utilizara por último, mas não quis saber de retornar para buscar. E então, depois de abastecermos pela última vez, partimos com destino à nossa casa.

Distante pouco mais de 50 km de Curitiba fui interceptado pela polícia rodoviária, onde, pela primeira vez passei pelo teste do “bafômetro”, guardando o dispositivo como troféu. Quando passamos pela serra de Irati em SC, trecho da estrada em más condições, já era noite, mesmo assim a viagem foi tranqüila e, às 21 horas já estávamos abrindo a porta de nosso apartamento. Além de nossas malas e souvenirs carregamos a bagagem de um melhor conhecimento sobre nosso Brasil nordestino e litorâneo.

Espero que através deste relato Você também tenha viajado e conhecido muitos lugares interessantes sem sair de casa.

Deus seja louvado por tudo!

Dalcim, Ignacio

Aos 9/10 anos da Raquel





[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

Maxi e Lenir nos prepararam um almoço reforçado com feijão fatura de bifes e saladas, deixando-nos prontos para a última jornada de nossa viagem. Poucos km além, já sobre a perimetral, Maxi telefonou para dizer que o chapéu da Lena, comprado no Mercado de Fortaleza, tinha ficado por lá. Lena ficou irritada como a Raquel que o utilizara por último, mas não quis saber de retornar para buscar. E então, depois de abastecermos pela última vez, partimos com destino à nossa casa.

Distante pouco mais de 50 km de Curitiba fui interceptado pela polícia rodoviária, onde, pela primeira vez passei pelo teste do “bafômetro”, guardando o dispositivo como troféu. Quando passamos pela serra de Irati em SC, trecho da estrada em más condições, já era noite, mesmo assim a viagem foi tranqüila e, às 21 horas já estávamos abrindo a porta de nosso apartamento. Além de nossas malas e souvenirs carregamos a bagagem de um melhor conhecimento sobre nosso Brasil nordestino e litorâneo.

Espero que através deste relato Você também tenha viajado e conhecido muitos lugares interessantes sem sair de casa.

Deus seja louvado por tudo!

Dalcim, Ignacio

Aos 9/10 anos da Raquel

